

MD Magno

O FIM, NOVAMENTE...

*The road of excess
leads to the palace of wisdom.*
Blake

(O Seminário começa com a audição de *Alô! Alô! Marciano*, de Rita Lee e Roberto de Carvalho, com Rita Lee)*:

Alô, alô marciano
Aqui quem fala é da Terra
Prá variar estamos em guerra
Você não imagina a loucura
O ser humano tá na maior fissura porque
Tá cada vez mais down no high society!

Alô, alô marciano
A crise tá virando zona
Cada um por si, todo mundo na lona
E lá se foi a mordomia
Tem muito rei aí pedindo alforria porque
Tá cada vez mais down no high society!

Alô, alô marciano
A coisa tá ficando ruça
Muita patrulha, muita bagunça
O muro começou a pichar
Tem sempre um aiatolá pra atolá, Alah!
Tá cada vez mais down no high society!

“O caminho do excesso leva ao palácio da sabedoria” - todo mundo já sabia disso, não é? A Rita Lee pode ser, hoje pelo menos, a minha Diotima, por que não? Ou, se não, a minha idiótima - é quase a mesma coisa. Por causa da greve esquisita que aconteceu durante alguns meses, hoje seria o dia de reiniciar o Seminário, que, como sabem, está incluído no curso de Pós-Graduação da ECO/UFRJ (Mestrado e Doutorado).

O filósofo Alain Badiou, que vocês conhecem até pessoalmente, pois já esteve por aqui, pretende lançar um livro, que não saiu ainda nem na França, intitulado *Petit Manuel de Inesthétique*, Pequeno Manual de Inestética - que é aquela mesma estética fantasiada de não -

, onde inclui um artigo, parece que já publicado em outro lugar: *Uma Tarefa Filosófica: Ser Contemporâneo de Pessoa*. É o próprio Fernando Pessoa que já conhecemos desde jovens e que se assustaram de topar de repente, depois de velhinhos. Nesse texto, diz Badiou que a filosofia não é, **não é ainda**, sob condição de Pessoa - impressionante isto -, que a filosofia ainda não pensa à altura de Fernando Pessoa. Isto é verdade, é óbvio. Nós outros, já conhecíamos Fernando Pessoa, já tentávamos conviver um pouquinho, se não à altura, ao rés do chão dele. “Afirmamos, diz o filósofo, que a linha de pensamento singular desenvolvida por Pessoa é tal que nenhuma das figuras estabelecidas pela modernidade filosófica está apta a sustentar sua tensão”. Ou seu tesão. É o chamado arrego: o filósofo de joelhos perante o poeta - e, por acaso, português, patricio, se não de vocês, pelo menos meu. “Seu pensamento-poema abre uma via que não chega a ser nem platônica nem anti-platônica” - naturalmente, Pessoa estava fora dessa -, “ele pensa, muito antes de Deleuze” - é óbvio, ele sempre pensou antes de Deleuze -, “que há dentro do desejo uma espécie de univocidade maquínica”. Duchamp já tinha dito isto - e outros também. Adiante, ele comenta o emprego sistemático do **oxímoro** que, como sabem, é a figura de retórica que, quando algo é posto, propõe seu oposto, isto é: Revirão. “A negação flutuante de Fernando Pessoa”... - outra vez Revirão -, “o poema está agora ali para criar esse nem... nem...” - outra vez Revirão. Soubessem das coisas...

Adiante, vem uma indicação da *Ode Marítima*: “um dos maiores poemas de Campos, diz ele, e de todo o século, quando o cais real do presente manifesta que ele é o grande cais intrínseco”. Já havíamos dito isto. Foi por isso mesmo que pegamos o termo de **Cais Absoluto** para o nosso Pleroma. Abaixo, Badiou fala do... *Livre de l’Intranquilité*. Vejam como a língua francesa não presta tanto para poesia: eis a tradução molenga que dá ao título forte do *Livro do Desassossego*. Realmente, *on ne dit presque rien en français...* “A própria heteronímia, continua ele em outro lugar, é concebida como dispositivo de pensamento” - etc., etc. Está chegando a hora dos que falam português e... brasileiro? Até o acha maior que Mallarmé - o que é uma obviedade. Basta, pelos quinze anos de idade, ter lido um pouco de Fernando Pessoa na escola secundária para ver tudo isso. Mesmo porque ele exerce uma língua bem mais forte. Badiou começa seu texto dizendo: “Pessoa, morto em 1935” - morto, é ambíguo em

português: não se sabe se morreu de morte morrida ou de morte matada (acho eu que foi da matada) -, “não foi conhecido na França, de maneira mais ampla” - acho eu que de maneira nenhuma -, “senão cinquenta anos mais tarde. Eu me incluo nesse retardo escandaloso” - é piedoso, o santo filósofo. Alguém que tenha em breve ocasião de encontrar o prezado Alain Badiou, por favor lembre a ele: quem pensar à altura de Fernando Pessoa, e ainda por cima em português, precisa de mais cinquenta anos para reconhecê-lo lá na França. Quem sabe eles conseguem?

Vocês sabem que, por mais psicanálise que eu promova, costumava falar aqui e sempre - sobretudo neste semestre passado - de comunicação e psicanálise, mesmo porque me vejo nesta obrigação, já que este é um curso de Pós-graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Por isso, eu vinha falando em **Transformática**, no sentido não de produzir estritamente teoria psicanalítica, mas de, com o laboratório prático e teórico da psicanálise, fazer a tentativa de uma generalizada teoria da comunicação. As pessoas, muitas vezes, costumam entender isto porque, como ninguém sabe o que seja Comunicação e, de modo geral, falar de Comunicação costuma ser cozinhar o *pot-pourri* dos autores que acham que falam disso, se tomamos um campo específico como sendo base para pensar a tal Comunicação, seja Filosofia, Psicanálise, Matemática ou o que for, sempre se pode achar que estamos falando de outra coisa e não de Comunicação. É o Síndrome da Comunicação desde que, por aqui, na década de sessenta, ela começou a existir com essa aparência de autonomia na Universidade. Isto quando, na verdade, ela pode ser no máximo o **campo** - como está na moda dizer - interdisciplinar ou transdisciplinar de todas as arrumações que possam ter a ver com transas entre formações. Quaisquer formações: animais, pessoas, máquinas, textos, imagens, etc., etc. e mesmo sensações...

Este **Seminário**, como sabem, começou em 1976, suponho que no segundo semestre. E hoje estamos em 1998, quando ele já ultrapassou a maioridade. Já passou um pouco dos vinte e um anos e estaria para completar os vinte e dois. De começo, na forma seminarial com que se apresentou, era no Parque Lage, na Escola de Artes Visuais, onde tive a sorte de trabalhar por cerca de vinte e três anos. Como lá ensinava Estética, foi lá que comecei o Seminário, este, da minha produção. Depois, instalamos o Colégio Freudiano em

algum lugar e o Seminário passou para sua própria sede onde ficou por muitos anos. Num certo momento, por indicação de alguns acadêmicos, começou a me parecer que talvez fosse interessante deixá-lo ser acolhido pela Universidade. Nessa ocasião, foi instalado na UERJ, onde permaneceu por dois anos. Em 1992, passou aqui para a UFRJ porque um meu amigo, então diretor da mesma Escola de Comunicação - hoje, eleito já pela segunda vez, é o decano do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (este CFCH em que estamos) -, argumentou, de maneira algo reivindicatória, que não lhe parecia que o Seminário devesse estar na UERJ quando aqui eu era professor num programa de Pós-Graduação. Ele esperava, então, que eu prestigiasse esta Escola e esta Universidade trazendo-o para cá. Achei que tinha razão e o transferi, naturalmente, como sempre foi, aberto a quem quer que quisesse participar. O público que sempre o acompanhava, veio prestigiá-lo e o Seminário passou a ser um dos cursos oficiais, com a diferença de que permitia a entrada de qualquer um, sendo que o privilégio de uso é dos alunos da Pós, que são seus verdadeiros alvos efetivos.

Para ocupar espaço, de começo tivemos que usar o auditório do CFCH, que é bastante adequado, mas que, por ora, anda em obras há algum tempo, não podendo então nos acolher. Por falta dessa disponibilidade, passamos quinzenalmente ao Forum de Ciência e Cultura e, nos outros dias, estamos aqui na sala Anísio Teixeira, da Faculdade de Educação - lugares que muito gentilmente nos receberam. Ora, o Forum, para permitir que o Seminário lá aconteça precisa incluí-lo em sua programação. Com isto, a publicidade que eles providenciam fez com que mais outras pessoas que absolutamente desconheço estivessem presentes. E é isto mesmo que era para ser, pois a porta sempre esteve aberta para quem quisesse, indiscriminadamente, fosse para entrar ou para sair. Foi mesmo por isso que quis retirá-lo do âmbito fechado de uma instituição psicanalítica e levá-lo para a Universidade. Não para que ficasse disponível apenas a alunos meus de qualquer curso ou da Universidade em geral, mas sim para toda a comunidade (até brasileira - e também estrangeira, acaso quisesse vir). É portanto por isso que o Seminário veio parar aqui neste local.

Mas este Seminário tem um problema bem sério, pois ele mais parece um elefante, que é, como se sabe, um bicho absolutamente incompreensível. Não é por menos que Lacan tinha paixão por ele. Um

bicho que parece ser constituído de partes de outros seres: uma borboleta nas orelhas, umas pilastras nos pés, uma cobra no rabo, um membro meio flácido como nariz - muito estranho e grande demais. Então, incomoda muita gente: não passa nas portas direito, tropeça, esbarra nos móveis. Embora seja um bichinho bastante calmo, ele assusta - e as pessoas que não o conhecem ficam com medo. Há mesmo, no meio dessa gente que não gosta de elefante, aqueles que exultariam em ver extinto este Seminário, para ele parar de incomodar. Ainda mais que ele dura tanto tempo: uma verdadeira antigüidade seminarial. Vocês certamente lembram do que, há algum tempo, eu disse sobre *A Bandeja do Erói*. Pois vejam que alguns não querem nem mesmo que eu apenas ofereça os quitutes, ainda que sem insistir demais. Não insisto muito em que peguem nada na bandeja, apenas ofereço, sem mais - mas isto também já se toma por um pouco demasiado. Aí que, aqui e ali, com certa freqüência, se fazem tentativas de embargo, de malfalação, de maledicência, etc., no sentido de eliminar o que aqui se produz. Acho que deveriam arranjar melhor afazer, pois estão perdendo seu precioso tempo com algo de nem tanta importância. Poderiam simplesmente não dar bola para isso. E fica até parecendo que temos uma repercussão capaz de amontoar milhares de pessoas num auditório. Não temos não, são só vocês. A coisa chega a tal ponto que, de vez em quando, escutei algumas invencionices cabeludas, mas nada com peso suficiente para embargar processo nenhum.

Quando Ministro da Guerra, ainda sob o governo de Getúlio, o General Zenóbio da Costa, homem poderoso de segundas guerras mundiais, perguntado por jornalista se se sentia realizado em conformidade com seus ideais de juventude, respondeu que não: que tudo que ele gostaria de ser era o que um Cadete da Academia Militar pensava que era. Quanto a mim, gostaria de ser (não tudo, mas) a maior parte do que falam de mim - dentro e fora deste bendito país.

Estamos, então, com vinte e dois anos de Seminário e já há seis aqui nesta Universidade. Acontece que, do começo do ano passado para cá, inventaram algo mais inteligente, mais eficaz, capaz mesmo de fazer implodir qualquer empreendimento: um certo jeitinho de fazer denúncias espúrias, mesmo sem fatos, mesmo sem provas, mesmo sem nada mais. Começaram a aborrecer meus colegas que ora estão em cargos diretivos por aqui com a seguinte desfaçatez: de vez em

quando alguém se dá ao trabalho de ir lá, dizendo-se aluno da Universidade - certamente não meu aluno, mas pode ser que seja mesmo algum aluno qualquer da Universidade e de quem alguém tenha adrede feito a cabeça – e reclamando que as pessoas têm que pagar para entrar aqui. É claro que todos vocês sabem que isto não é verdade. De certa feita, cheguei mesmo a responder a uma moça de fora daqui - a qual eu não reputava muito bem e que me perguntou se poderia vir - que aqui cabia toda e qualquer formação neo-etológica, que o neo-zoológico não era discriminado por aqui - que porta está sempre aberta para quem quer que saiba pelo menos sentar; não é preciso nem mesmo escutar... Mas a insistência tem sido grande: as pessoas procuram as diretorias dizendo que é um absurdo, que é ilegal cobrar - e boato envenena as mentes... Precisamos entender de uma vez por todas que o **boato**, sempre, em qualquer situação, é mais poderoso do que o **fato**, sempre foi. É fácil de explicar por que: o boato - como sempre digo, **só há fatos, não há interpretações** - é um outro fato e com maior convergência, maior densidade do que o próprio acontecido que ele presume comentar. O acontecido é o acontecido. É um fato sim, mas um fato desses não fala, apenas se expõe. O boato é o fato da falação supostamente a respeito de um acontecido, tendo, portanto, uma força, um poder, que esse outro fato não tem. Mesmo que meus colegas que estão em cargos diretivos não acreditem, os boatos acabam por prejudicar - eles ficam em situação difícil. Uma das aparências de prova é que um cavalheiro - que não conheço e ninguém me apresenta, não sei se estudante da casa ou não - foi dizer que tanto era verdade o que dizia que, um dia, chegara à nossa porta, tentara entrar e fora barrado por alguém que lhe dissera que seu nome não estava na lista. Como sabem muito bem, a lista era a do dia (semana sim, semana não) em que o Seminário **era exclusivo dos alunos do curso**. Então, não podia entrar quem não tivesse seu nome... na pauta de chamada do Mestrado e do Doutorado. Mas o boato quis que a lista fosse daqueles que houvessem pago.

Bem ou mal, as pessoas acabam se sentindo acuadas e é preciso dar um paradeiro a isto. A melhor maneira parece que é desvincular o Seminário da Pós-Graduação, devendo ser feito em outra hora, com ou sem a presença dos alunos do Pós, que só viriam se gostassem de vir. É claro que ficou explicitado que eu poderia continuar a fazê-lo dentro da Universidade. Mas isto não é exequível porque, por exemplo, para

se conseguir sala no Forum de Ciência e Cultura é preciso um ofício do Pós-Graduação explicitando sua vinculação. Acontece também, independentemente disto, que o elefante não parará de incomodar só por deixar de ser pós-graduando. Ele continuará sendo um chato, com ou sem crachá. E, com certeza, as pressões também não deixarão de continuar com a implicância, pois não se trata de retirar o Seminário da Pós, uma vez que eu poderia continuar o meu curso independentemente de haver ou não o malfadado Seminário. Trata-se mais de retirar o elefante da frente porque está ocupando muito visual. Portanto, continuarão as pressões desse tipo, os boatos dessa natureza, e é preciso ter um pouco de saco, como se diz em bom português, para ficar a toda hora tendo que dar justificativas de que não se trata disso ou daquilo. E mesmo que não seja no curso de Pós-Graduação, pelo fato de estar na Universidade, continuaria sendo absolutamente ilegal se fosse cobrado. Então, de que adianta retirá-lo da Pós e mantê-lo na Universidade, dado o prazer de tamanha falação?

Aqueles que já leram um pouco de Lacan, devem lembrar de um Seminário seu, quando já estava bastante idoso, em que narra que tivera o sonho de que chegara para dar o Seminário e que lá não havia ninguém. Conta isto com certo ar de felicidade. Não estou a fim de interpretar sonhos de Jacques Lacan, mas este parece lhe ter indicado que, das duas uma: ou ele houvera sido abandonado, o que não era o caso, justo nesse momento - próximo do tempo em que eu seguia seu Seminário, que era feito também numa Universidade, na própria Sorbonne, Paris I, na Faculdade de Direito, num imenso auditório, sempre com mais de mil pessoas presentes -, ou que seu sonho podia ser interpretado como sendo o de um cansaço, um desinteresse tal já pelo Seminário que ele lá chegaria, não haveria ninguém, então estaria livre e poderia ir embora para casa gazetear. Confesso a vocês que, depois de tanto tempo deste meu Seminário, ando com inveja do sonho de Lacan, embora não tenha sonhado a mesma coisa, pelo menos não dormindo. Cheguei mesmo a ter, final do ano passado, a intenção, comunicada aos mais próximos, que estão aqui para testemunhar, de encerrar o meu Seminário, para sempre. É provavelmente o que deveria ter feito. Teria me aborrecido bem menos e descansado um pouco mais.

Seminário tem algo a ver com sêmen, com inseminação, portanto, não é esquisito que tenha algo a ver com aborto. E se Lacan

nunca pôde ter esse prazer, eu, posso a ele me dar: o prazer de querer eu mesmo matar o Seminário. E todo esse quiprocó, como dizem meus patrícios lá da outra terra, só veio mesmo *a calhaire*. Veio trazer a fome para junto da vontade de comer. E consigo finalmente uma boa oportunidade, uma boa razão até, para encerrar este danado de Seminário, que acaba fazendo mal a tanta gente. Sobretudo a mim mesmo, pelo trabalho que me dá, não só por fazê-lo, como por ter que aturar a canalhice de alguns. É claro que sei que, agindo deste modo, posso estar, e certamente estarei, dando um grande prazer a esse tipo de gente. Mas o que importa, se o prazer maior é todo meu? Por que deixarei de me dar um grande prazer só porque outros também o terão, ainda que supostos inimigos? Que tenham prazer! Talvez lhes melhore a saúde mental. Além disto, há outro fator que contribui para esta decisão - aliás, já tomada: é que a existência deste Seminário se deve a um certo e tolo sintoma de imitação. Entrei - o que é a coisa mais natural do mundo -, por contato maior, por presença, por tudo enfim, na forma-Lacan de sintoma de exposição. E como durou: vinte e dois anos! Caramba! Na verdade, embora estilisticamente diferente, isto é óbvio, embora o modo de operação seja completamente outro, entrei nesta forma de divulgação do que produzo - até mesmo, mais do que mera forma, lugar e momento de produção, pois, às vezes, é ao vivo que invento o que me passa a ser inventado - dentro do sintoma que estou chamando de forma-Lacan. E tudo isso, então, veio *a calhaire*, a me ajudar a me livrar desse sintoma infernal. Por que, afinal de contas, depois de todos esses anos, todos esses lugares, todas essas boatos, todas essas pressões, eu, ao invés de sair daqui carregando o Seminário para outro lugar, não poderia ficar curado dele de uma vez? Pareceu-me, então, uma excelente ocasião. Posso até pegar uma outra doença, mas desta posso hoje me livrar. Assim, toda essa confluência me ajuda a lhes dizer que **ESTÁ ENCERRADO O MEU SEMINÁRIO. PARA SEMPRE! NUNCA MAIS! MISSA EST.** O Seminário já terminou outras vezes, caiu fora de certos lugares, terminou alguns anos letivos, mas sempre até agora começou de novo. Porém, agoraqui, quero abandonar o 'de novo' e partir para o **NOVAMENTE**, que é o nome da nova forma, a qual já está sendo gestada há mais de um ano por mim e por alguns de meus próximos, para reencamiharmos todas as nossas questões e produções.

Vejam que coisa mais interessante!: por ironia, ou melhor, por Revirão, o Seminário termina justo no dia em que era para recomeçar. Acabou ficando melhor assim do que se o tivesse ex-terminado no final do ano passado.

Os inscritos na Pós, é só procurar a secretaria, pois certamente não nos impedirão de continuarmos com nossas tarefas normalmente Pós-adas. Os que efetivamente estiverem interessados no que tenho a dizer, que estejam a fim de provar de algo do que ofereço *de Bandeja*, ficam convidados - **gratuitamente, como sempre** - para a parte em que continuarei expondo o que acaso (me) pensar, na minha **Oficina da Nova Psicanálise**, que acontece na *UniverCidadeDeDeus* aos sábados, das 10 às 12 horas. A outra e maior parte da Oficina é reservada aos membros daquela instituição. Ali estarei sem forma-Seminário, talvez com outra impostação, talvez com outras possibilidades de manejo, mesmo também até práticas, que aqui não são realizáveis como era de se desejar.

O convite está feito. E tudo recomeça. Certamente amanhã. E sempre. Vejo vocês em outro tempo, em outro lugar. Quiçá... quiçá... quiçá...

(O Seminário termina com a audição de *Luz del Fuego*, de Rita Lee, com a mesma e Cássia Eller)*

Eu hoje represento a loucura
Mais o que você quiser
Tudo que você vê sair da boca
De uma grande mulher, porém louca!

Eu hoje represento o segredo
Enrolado no papel
Como Luz del Fuego não tinha medo
Ela também foi pro céu, cedo!

Eu hoje represento uma fruta
Pode ser até maçã
Não, não é pecado, só um convite
Venha me ver amanhã, mesmo!

Eu hoje represento o folclore
Enrustido no metrô
Da grande cidade que está com pressa
De saber onde eu vou, sem essa!

Eu hoje represento a cigarra
Que ainda vai cantar

Nesse formigueiro quem tem ouvidos
Vai poder escutar meu grito!

Eu hoje represento a pergunta
Na barriga da mamãe
E quem morre hoje, nasce um dia
Pra viver amanhã e sempre!

*Do CD *Acústico*, de Rita Lee, pela MTV.

17/SET/1998